



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

O processo de adaptação de Avaliação Diagnóstica de Matemática nas Escolas em Tempo Integral do Município de Vitória – ES.

RC: 3

Christiane Milagre da Silva Rodrigues¹

Resumo do trabalho. O objetivo desse artigo é apresentar o movimento de adaptação de Avaliações Diagnósticas de Matemática realizado no ano de 2019 para os estudantes sujeitos da Educação Especial das Escolas Municipais de Ensino Fundamental em Tempo Integral do Município de Vitória – ES. Esse processo envolveu os professores de Ciências e Matemática, professores de Educação Especial e Pedagogas dessas Escolas. A metodologia utilizada foi Formação específica, conversa estruturada com esses profissionais e adaptação de habilidades e questões para constarem na Avaliação Diagnóstica desses estudantes. As Avaliações Diagnósticas acontecem sempre ao final de cada ano, verificando, a partir de sete habilidades previamente definidas, os objetivos essenciais de cada ano, alcançados ou não pelos estudantes. São pensadas para contribuir com a retomada de conteúdos não adquiridos no ano anterior, aprofundamento dos conceitos da disciplina e reflexão sobre as práticas avaliativas, visando alcançar melhores resultados na aprendizagem dos estudantes, qualificando o processo ensino aprendizagem, aumentando o índice de aprovação e permanência e diminuindo o índice de distorção idade/ano. A partir dos resultados dessas Avaliações são estabelecidas, para o ano seguinte, ações formativas para os professores e Plano de Nivelamento para cada turma. Observamos que essa adaptação proporcionou à Escola uma devolutiva real das aprendizagens dos referidos estudantes, podendo elaborar assim, um Plano Individual de Trabalho condizente à necessidade destes, e aos estudantes, a oportunidade de demonstrarem suas potencialidades.

Palavras-chave: Aprendizagem Matemática; Educação Inclusiva; Ensino-aprendizagem; Avaliação Diagnóstica; Currículo.

Introdução

Para melhor compreensão e organização do conteúdo deste artigo, apresentaremos o movimento que originou as Escolas em Tempo Integral e sua organização. Deixamos claro, no entanto, que nos ateremos em mais detalhes no trabalho desenvolvido pela Formadora de Matemática, mais especificamente no que tange ao trabalho com a Avaliação Diagnóstica. Ressaltamos que movimento semelhante é realizado pelas Formadoras de Língua Portuguesa

¹Prefeitura Municipal de Vitória – ES, christianemilagre@hotmail.com.



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

e Ciências do Núcleo de Coordenação e Acompanhamento das Escolas em tempo Integral (NETI) .

A Escola Municipal em Tempo Integral (EMEFTI)

A Escola em Tempo Integral caracteriza-se como uma das formas de organização de atendimento em tempo integral, na perspectiva da implementação da Política de Educação Integral da Rede Municipal de Ensino de Vitória, contemplando todos os estudantes em jornada escolar ampliada (nove horas diárias), a fim de garantir educação plena e integral para crianças e adolescentes matriculados na Rede de Ensino do Município, promovendo a permanência, o sucesso na aprendizagem de toda sua população estudantil e contribuindo para a realização de seu Projeto de Vida. (SEME, 2016).

Diante do desafio de implantar essas Escolas, a Prefeitura Municipal de Vitória buscou experiências desenvolvidas em vários estados brasileiros, em instituições públicas de ensino. Firmou-se, então a parceria entre Espírito Santo em Ação (ESA), o Instituto Corresponsabilidade pela Educação (ICE), o Instituto Qualidade no Ensino (IQE) e a Secretaria Municipal de Educação (SEME).

Nessas Escolas, há o trabalho com princípios que se materializam na prática pedagógica, através do currículo integral e integrado, e de procedimentos teórico metodológicos que favorecem a articulação entre os componentes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Parte Diversificada (PD), que contempla as disciplinas de Orientação de Estudos, Educação Científica e Tecnológica, Eletivas, Projeto de Vida e Protagonismo, fundamentados na diversificação e enriquecimento necessários para apoiar o estudante na elaboração e realização do seu Projeto de Vida. Além disso, nas EMEFTI temos metodologias de êxito como Tutoria e Acolhimento, e práticas e vivências do Protagonismo como os Clubes.

O currículo está fundamentado nas Diretrizes Curriculares Municipais de Vitória e é desenvolvido em consonância e articulado aos três eixos formativos do estudante, aos



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

princípios educativos e valores que fundamentam a proposta pedagógica. Compõem os 3 eixos: a formação acadêmica de excelência, a formação para a vida e a formação para o desenvolvimento das competências para o século XXI.

A organização curricular dessas Escolas contempla, dentre outras, 6 aulas semanais de Matemática que são ministradas em salas ambiente onde o estudante muda de sala conforme a aula, o que ressalta seu senso de corresponsabilidade, autonomia, organização e protagonismo com o fazer pedagógico.

A formação da Equipe de Implantação

No ano de 2014 inicia-se no Município de Vitória – ES o movimento para a implantação de Escolas em Tempo Integral. A partir desse movimento, verificou-se a necessidade da composição de uma Equipe de Implantação alocada na Secretaria Municipal de Educação (SEME), com o objetivo de discutir, propor, planejar, organizar e definir ações, nas diversas dimensões do Programa. Essa equipe foi dividida em três vertentes, a saber, Gestão, Pedagógico e Formação. Nomeou-se uma Coordenadora, dois técnicos de Gestão, dois técnicos para o Pedagógico e para a Formação uma pedagoga e três formadoras, sendo uma de Língua Portuguesa, uma de Ciências e uma de Matemática. Em 2017 essa equipe de Implantação passa a ser chamada de NETI.

A principal atribuição da Formadora de Matemática é acompanhar e formar os professores da área, do 6º ao 9º ano de acordo com as diretrizes, objetivos e metas do Programa, assessorando-os em sua prática pedagógica, nas mais variadas frentes de trabalho.

A partir de julho de 2015, também foram incluídos nesse acompanhamento os professores de 4º e 5º anos. Essa decisão se fundamentou no fato de que muitas das habilidades aferidas nas Avaliações Diagnósticas deveriam estar consolidadas até o 5º ano, o que não estava acontecendo. A partir dessas necessidades de acompanhamento mais efetivo a esses professores, fez-se um movimento nas Escolas para que os professores de 4º e 5º ano trabalhassem em suas turmas por área de conhecimento para possibilitar às



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

professoras a participação em Plantões e Formações por área de conhecimento, e para que pudessem se dedicar com mais afinco aos estudos das respectivas áreas.

Avaliação Diagnóstica como ponto de partida

Desde o ano de 2015 as Escolas em Tempo Integral do Município de Vitória realizam uma Avaliação Diagnóstica de 6º ao 9º ano elaborada, corrigida e tabulada pelo IQE, tendo esta a função de obter informações sobre os conhecimentos, aptidões e competências dos estudantes, visando organizar os processos de ensino e de aprendizagem, de acordo com as situações identificadas. Têm como objetivo aferir as habilidades mínimas a serem dominadas pelos estudantes de acordo com o ano letivo e semestre em curso além de observar o impacto do Programa da Escola em Tempo Integral em sala de aula.

As habilidades mínimas são identificadas a partir de documentos nacionais como Parâmetros Curriculares Nacionais, BNCC, avaliações em larga escala e documentos regionais estaduais e municipais. Essa Avaliação coloca em evidência as aprendizagens dos estudantes, o que permite, a partir daí, determinar o modo de ensino mais apropriado e estabelecer metas de aprendizagem a serem alcançadas. Com a Avaliação Diagnóstica, previnem-se as dificuldades de aprendizagem dos estudantes, ao mesmo tempo em que se busca conhecer as aptidões, os interesses, habilidades e competências enquanto pré-requisitos para futuras ações pedagógicas. O resultado dessa Avaliação fornece subsídios para construção de estratégias que traduza uma melhora consistente da proficiência dos estudantes.

Em 2015 foram aplicadas 3 Avaliações Diagnósticas para as turmas de 6º ao 9º ano e uma Avaliação para as turmas de 4º e 5º ano. Em 2016 e 2017 foram aplicadas duas Avaliações para o 6º ao 9º e uma para 4º e 5º. A partir de 2018, definiu-se a aplicação de uma Avaliação anual de 5º ao 9º ano. Até 2017 essas Avaliações de 6º ao 9º ano eram elaboradas pelo IQE e, a partir de 2018 foram elaboradas pela Formadora de Matemática do NETI. Com relação às turmas de 4º e 5º ano, o IQE elaborou apenas as Avaliações



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Diagnósticas aplicadas em 2015, ficando a cargo da Formadora de Matemática as demais elaborações.

Após a tabulação dos dados coletados a partir da correção dos gabaritos da Avaliação Diagnóstica, são elaborados relatórios de alcance das habilidades por estudante, por turma e por Escola. Esses relatórios são apresentados aos professores, pedagogos e diretores das Unidades de Ensino em um movimento chamado de Devolutiva, onde observam os resultados alcançados por habilidade e analisam, a partir de algumas questões da Avaliação Diagnóstica, as possíveis defasagens e/ou dificuldades com relação à habilidade aferida. Na oportunidade também selecionam e estudam Sequências Didáticas que possam atender aos estudantes nas habilidades mais defasadas, ou com menor índice de alcance.

A partir dos resultados das diversas avaliações da aprendizagem dos estudantes, os professores, orientados pelos Pedagogos e Formadoras, verificam quais habilidades, conceitos e/ou conteúdos precisam ser retomados, aprofundados e/ou reforçados, e que serão necessários para o sucesso escolar do estudante. Esses ajustes devem estar contemplados nos Guias de Aprendizagem (documento equivalente ao Plano de Ensino), nos espaços/tempos destinados à tutoria, e apresentar transversalidade nos componentes integradores de Protagonismo, Orientação de Estudos, Eletivas, Educação Científica e Tecnológica e Projeto de Vida, garantindo a articulação entre a BNCC e a Parte Diversificada do currículo.

Movimentos formativos

Diante dos resultados das Avaliações Diagnósticas, é pensado o movimento que se fará nas Formações e Plantões realizados com os professores que ministram Matemática do 4º ao 9º ano.

Lembramos que um dos eixos formativos das EMEFTI é a formação acadêmica de excelência, que é aquela que se processa por meio de práticas eficazes de ensino e de processos verificáveis de aprendizagem e que asseguram o pleno domínio, por parte do estudante, do conhecimento a ser desenvolvido durante a Educação Básica. E é pensando



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

nessa entrega que os professores, estudantes e toda a Escola e Secretaria de Educação organizam suas ações, dentre elas as Formações que acontecem mensalmente no dia e horário do Planejamento do professor.

São pensadas para contribuir com o aprofundamento dos conceitos da disciplina e reflexão sobre as práticas docentes visando alcançar melhores resultados na aprendizagem dos estudantes. Buscamos assim, qualificar o processo ensino aprendizagem, aumentar o índice de aprovação e permanência e diminuir o índice de distorção idade/ano dos estudantes.

Paralelamente às Formações, são realizados plantões semanais onde os professores de 4º ao 9º ano têm um atendimento individualizado nos momentos de seu planejamento, envolvendo o estudo de sequências didáticas, acompanhamento do currículo, orientação na elaboração dos Guias de Aprendizagem e Planos de Nivelamento, elaboração de itens avaliativos e atividades variadas, análise dos resultados das Avaliações Diagnósticas, bem como a produção de materiais, com o objetivo principal de atender as necessidades de cada EMEFTI.

Também realizamos observação de aulas analisando a prática docente e propondo novas atividades, além de aulas compartilhadas para apoio na adoção de novas metodologias e aplicação de sequências didáticas.

O movimento de elaboração das Avaliações Diagnósticas

As Avaliações Diagnósticas de cada ano começam a ser organizadas assim que a Devolutiva da Avaliação Diagnóstica do ano anterior termina.

A Formadora de Matemática faz um alinhamento com os professores de Matemática do 5º ano 9º ano sobre as habilidades que serão aferidas na Avaliação Diagnóstica do final do ano. Para isso consideram os objetivos previstos para cada ano, e que estão contidos nas Diretrizes Curriculares Municipais. Após análise dos objetivos essenciais e primordiais, faz-se um grupo desses objetivos considerando suas aproximações conceituais e eixos da



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Matemática a qual pertencem. É esse conjunto de objetivos que gera as habilidades que serão consideradas para a elaboração das questões da Avaliação Diagnóstica. São organizadas, dessa forma, sete habilidades.

As habilidades são distribuídas considerando também os eixos da Matemática, de acordo com a distribuição presente nas Diretrizes Curriculares Municipais. Duas habilidades para o eixo Números e Operações e Álgebra, duas habilidades para Espaço e forma, duas habilidades para Grandezas e Medidas e uma habilidade para Tratamento da Informação.

Após esse alinhamento e definição das habilidades, a Formadora de Matemática começa a elaboração das Avaliações Diagnósticas que são compostas por 21 questões, sendo 3 questões de cada habilidade. As questões são elaboradas a partir dos objetivos essenciais elencados em cada habilidade, e considerando diferentes aspectos desses objetivos.

Cada questão possui quatro alternativas (distratores), sendo que apenas uma delas é a correta (gabarito). Essas alternativas são pensadas considerando possíveis caminhos de resolução que o estudante possa percorrer para chegar à solução da situação-problema. Dessa forma, na hora da análise dos resultados há a possibilidade de realizar algumas conjecturas de prováveis dificuldades e/ou falta de conhecimento de conceitos específicos.

Acertando ao menos 2 questões de cada habilidade, é considerado que o estudante alcançou a referida habilidade. Isso se dá porque entendemos que há o alcance de mais que 60% dos aspectos verificados ali.

Considerando essa organização durante a elaboração das Avaliações Diagnósticas, é que se estabelecem os Planos de Nivelamento para o trabalho no ano seguinte, a partir das habilidades que os estudantes não alcançaram no ano anterior.

Adaptação das Avaliações Diagnósticas

Sabemos que discutir Educação Inclusiva não é algo simples. Ainda temos grandes desafios para a implantação de uma política educacional nessa perspectiva. Estes desafios se tornam evidentes mesmo quando estão cumpridas as exigências que os programas e projetos



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

explicitam: salas reduzidas, acompanhamento em salas de recursos, adequação do espaço escolar, formação de professores, acolhimento da escola, etc. (KASSAR, 2011, p. 75).

Desde a implantação das Escolas em Tempo Integral, foi realizado um movimento de inclusão dos Estudantes público-alvo da Educação Especial, passando pela adequação do tempo destes nas EMEFTI, de espaço, alimentação e necessidade de acompanhamentos suplementares em outros órgãos ou Instituições Especializadas. Essas Escolas possuem professores de Educação Especial que articulam com os demais professores os conceitos das várias áreas de conhecimento e fazem Plano individual de trabalho e adequação de conteúdos/atividades respeitando cada especificidade destes estudantes. Mas apesar disso, nas Avaliações Diagnósticas a orientação encaminhada às Escolas é que os estudantes público-alvo da Educação Especial façam a mesma Avaliação que os demais.

Mesmo tendo tentado durante as assessorias uma articulação com a Educação Especial no que tange às Avaliações Diagnósticas, isso foi ficando em segundo plano, até porque não se sabia muito como se proceder. Então, entendemos que era preciso transpormos esses desafios e olharmos para além do que estava sendo feito. Era preciso fazer.

Em 2019, conseguimos articular um movimento que consideramos muito importante para complementar esses acessos. Começamos a organizar a adaptação das Avaliações Diagnósticas.

Iniciamos com um processo formativo de sensibilização dos professores de Ciências, Língua Portuguesa e Matemática, pedagogas e professoras de Educação Especial. Na ocasião apresentamos um pouco do histórico e desenvolvimento dessa Modalidade de Ensino e algumas possibilidades concretas de trabalho em cada área.

Em especial, com os professores de Matemática, ressaltamos que absolutamente não se tratava de redescobrir teorias, não se tratava de refazer teorias. Simplesmente se tratava de utilizar adequadamente as teorias matemáticas já existentes para a solução de problemas de base em nosso desenvolvimento. (D'AMBRÓSIO, 1986, p. 21).



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

O segundo momento foi de conversa com as professoras de Educação Especial para tomarmos conhecimento de quais estudantes haviam em cada turma, quais suas especificidades, seu Plano de Trabalho Individualizado e potencialidades apresentadas. A partir dessa conversa, verificamos que infelizmente, alguns estudantes não tinham um Plano de Trabalho pedagógico. Trabalhavam exclusivamente com atendimentos e cuidados. Esses não fizeram a Avaliação Diagnóstica, porque na ocasião chegamos à conclusão de que ao menos por ora, não havia ganho pedagógico/aprendizagem curricular por parte destes estudantes. Ressaltamos aqui que não tratamos das impossibilidades de que estes estudantes aprendam questões curriculares, mas da não oferta de conteúdos naquele momento. Também verificamos que todos os estudantes que seria necessário fazer as adaptações, eram estudantes com deficiência intelectual de níveis variados, e em alguns casos agregada a outra deficiência e/ou transtorno.

Após essa triagem, alinhamos os objetivos com os professores de Ciências e Matemática, que foram os Componentes que tiveram suas Avaliações Diagnósticas adaptadas. Não houve essa adaptação para a Avaliação Diagnóstica de Língua Portuguesa, porque na ocasião a equipe não contava com essa Formadora.

Considerando esse alinhamento, os objetivos foram agrupados nas habilidades pensadas para a Avaliação Diagnóstica, adequando os aspectos que seriam verificados e profundidade dos conceitos.

As adaptações foram realizadas individualmente e construída uma tabela de habilidades para cada estudante público-alvo da Educação Especial das 3 EMEFTI. Foram necessárias adaptações de quantidade de questões para alguns, tamanho da letra para outros, uso de questões do ano anterior ou ainda ampliação do tempo para realizar a mesma atividade.

Vigotski (1997, p. 142) diz que as quatro operações de aritmética que um estudante com deficiência domina é um processo muito mais criativo do que para um estudante sem deficiência. O que para o estudante sem deficiência seria algo quase que natural, muitas



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

vezes sem abordagens especiais, para o estudante com deficiência, certas tarefas seriam bem difíceis, demandando a superação de diversos obstáculos. O modo como se chega aos resultados tem, aparentemente, um caráter criativo.

Mas o ponto alto dessa experiência é que os professores durante a Devolutiva da Avaliação Diagnóstica, puderam visualizar as potencialidades e dificuldades desses estudantes com a possibilidade de trabalhar as possíveis defasagens com maior efetividade. O que antes era visto pelos professores como um problema, porque diminuía a média de acertos da turma, agora estava sendo visto como potência.

Considerações Finais

Sabemos que para que os objetivos específicos relacionados ao ensino sejam cumpridos, “é necessário que professores do ensino comum e da Educação Especial se envolvam, compartilhando um trabalho colaborativo e interdisciplinar, de modo a consolidar a articulação entre os mesmos”. (MILANESI, 2012, p. 38). A autora ainda nos afirma que “a inclusão escolar requer outras formas de organização da escola, com compartilhamento de responsabilidades por todos os atores envolvidos no processo educativo”. (MILANESI, 2012, p. 127).

Inicialmente, os professores se mostraram resistentes ao trabalho adaptado com estudantes público-alvo da Educação Especial. Porém a partir dos exemplos dados perceberam que a lógica do trabalho em prol de uma Educação Inclusiva é pensar em estratégias que atendam às necessidades de todos, e desta forma estarão atendendo também a demandas de outros estudantes que não esses.

A Avaliação Diagnóstica adaptada também trouxe tranquilidade no sentido de que os estudantes, avaliados em suas potencialidades e nos objetivos previstos para eles, estavam em condições iguais de mostrar suas aprendizagens, o que nem sempre é percebido pelo professor. Não posso afirmar que este seja o melhor caminho ou a única possibilidade, mas na ocasião foi a estratégia que nos ocorreu para sanarmos algumas questões que se



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

levantavam quanto a Avaliação Diagnóstica, como o não alcance das habilidades pelos estudantes sujeitos da Educação Especial.

Nesse momento, consideramos a necessidade de continuar esse processo de adaptação da Avaliação Diagnóstica para verificarmos o quanto os estudantes sujeitos da Educação Especial podem aprender, a seu tempo, e a seu modo, mas nada diferente dos demais. Não queremos dizer aqui que todos aprendem da mesma forma, mas que todos tem a possibilidade de aprender e queremos que todos tenham a possibilidade de mostrar suas aprendizagens.

Mesmo sabendo que após 4 anos de realização das Avaliações Diagnósticas não temos os resultados esperados, sei também que um caminho tem sido traçado e que mudanças tem sido percebidas. Talvez se apresentem de forma sutil no discurso do professor, na escolha do material a ser utilizado em sala de aula, nas participações cada vez mais efetivas nos Plantões e Formações ou nos rendimentos dos estudantes.

Esse movimento de adaptação da Avaliação Diagnóstica me fez perceber o quanto os professores ainda apresentam resistência em organizar um Guia de Aprendizagem que contemple metodologias diversificadas e adaptações de conteúdos, um Guia que priorize uma organização por objetivos e a partir das dificuldades apresentadas pelos estudantes, todos eles, diversifique atividades, metodologias e estratégias. Há ainda a dificuldade de elaborar atividades avaliativas que priorizem a aprendizagem em detrimento do erro.

Precisamos salientar que estamos no processo. Mudanças sutis, resultados quase que imperceptíveis, ajustes e acertos aqui e ali. Mas o mais importante é que para os sujeitos que tiveram oportunidade de participar deste movimento, tenho certeza, fez e faz a diferença, mesmo que não estejam mais nessas Escolas.

A Avaliação Diagnóstica é apenas uma das muitas estratégias pensadas para os estudantes. Destacamos que os professores durante todo o ano letivo trabalham na adequação de metodologias e materiais para o ensino a estes, e isso consideramos de extrema importância para o alcance das aprendizagens de cada ano e como consequência, para o



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

alcance das habilidades verificadas nas Avaliações Diagnósticas, quer sejam estudantes público-alvo da Educação Especial ou não.

Estar envolvida nesse processo me possibilita disseminar e consolidar metodologias que acredito serem úteis e imprescindíveis ao processo de ensino aprendizagem de Matemática incluindo os sujeitos da Educação Especial.

Termino, parafraseando Freire (1996) ao dizer que eu me movo como professora porque mesmo sabendo que é difícil mudar, eu sei que é possível. Posso até ao buscar não encontrar, mas a minha esperança está na busca.

Referências

D'AMBRÓSIO, U. **Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática**. São Paulo: Summus; Campinas: Ed. Da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

FREIRE, P. Paulo Freire: **depoimento** [1996]. Entrevistadores MENDONÇA, M. C. D. e D'AMBRÓSIO, U. Brasil: 1996. Duração 28'. Entrevista concedida ao 8º Congresso Internacional de Educação Matemática.

KASSAR, M. de C. M. **Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios da implantação de uma política nacional**. In: Educar em revista, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 61-79, jul./set. 2011. Editora UFPR.

MILANESI, J. B. **Organização e funcionamento das salas de recursos multifuncionais em um município paulista**. Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCar, 2012.

Prefeitura Municipal de Vitória. Secretaria Municipal de Educação. **Documento referência da escola municipal de ensino fundamental em tempo integral**/Secretaria Municipal de Educação, Coordenação de Adriana Sperandio, Janine Mattar Pereira de Castro, Janine Schwanz Ramos. __ Vitória: SEME, 2016. 47 p.

VIGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas V fundamentos de defectología**. Edición em lengua castellana. Visor Dis. S.A., 1997.